

LINDAURA LIONOR SÉLOS GUERRA

**DOUTORES DA ALEGRIA:
O Palhaço como profissional do Lazer**

**BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2011**

LINDAURA LIONOR SÉLOS GUERRA

**DOUTORES DA ALEGRIA:
O Palhaço como profissional do Lazer**

Trabalho integrado apresentado ao Curso de Especialização em Lazer – Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de ESPECIALISTA EM LAZER.

Orientadora: Prof^a Ms^a Gabriela Baranowski Pinto

**BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2011**

G929d Guerra, Lindaura Lionor Sélos
2011 Doutores da Alegria: o palhaço como profissional do lazer. [manuscrito] /
Lindaura Lionor Sélos Guerra– 2011.
39 f., enc.

Orientador: Gabriela Baranowski Pinto

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 35-37

1. Lazer. 2. Palhaços. 3. Hospitais. I. Pinto, Vânia de Fátima Noronha. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e
Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA
OCUPACIONAL
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CENTRO DE ESTUDOS DE LAZER E RECREAÇÃO – CELAR
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LAZER

TRABALHO INTEGRADO

Título: DOUTORES DA ALEGRIA: O Palhaço como profissional do Lazer

Aluna: Lindaura Lionor Sélos Guerra

Número de Matrícula: 1120099751668

Professora Orientadora: Prof. Ms. Gabriela Baranowski Pinto

Classificação: C

Nota: 7,0

Data da aprovação: 30/11/2011

Gabriela Baranowski Pinto

Prof. Ms. Gabriela Baranowski Pinto
Orientadora

À
Biblioteca Universitária da UFMG
Coleção Memórias



Aos estudiosos do Lazer que estão em busca de conhecer esse campo cada vez mais.

Aos Doutores da Alegria, Palhaços que são mais que médicos do riso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que proporcionou realizar o curso de Especialização em Lazer e concluir essa pesquisa que foi sempre tão sonhada. Aos meus pais que sempre incentivaram os estudos e a busca pelo conhecimento apoiando, patrocinando, cobrando e compreendendo minhas limitações. Às minhas irmãs que sempre foram meus exemplos de estudo e também por me ajudarem durante o curso e a pesquisa.

À orientadora Gabriela Baranowski Pinto que não desistiu de me ajudar e orientar mesmo quando eu atrasava nos prazos de entrega. Por me incentivar e apoiar as decisões e mudanças realizadas durante a pesquisa e por se mostrar sempre interessada e pronta a ajudar.

Aos professores da Especialização em Lazer que em vários momentos estiveram orientando e direcionando os caminhos da pesquisa e, acima de tudo, proporcionando momentos de rico aprendizado sobre o campo do Lazer.

Aos amigos de curso que opinaram, incentivaram, e foram companheiros, orientadores e críticos quando a pesquisa ainda era um projeto. Também pelos momentos valiosos e agradáveis que vivemos junto nas aulas e fora delas.

Aos amigos de Ipatinga que dividiram comigo o tempo estendido da pesquisa e me apoiaram sempre com palavras de incentivo e companheirismo. Às colegas da UFOP que “seguraram a barra” nos trabalhos quando eu estava envolvida na conclusão da pesquisa.

Aos Doutores da Alegria de Belo Horizonte por sempre me receberem em sua sede em especial, Cícero que foi o meu contato com a Organização desde o início quando a pesquisa ainda era um sonho.

A todos que estiveram comigo desde o início da pesquisa até a sua conclusão e dividiram as minhas angústias e desesperos para cumprir com todas as datas previstas, muito obrigada!

“A alegria está na luta, na tentativa, no sofrimento envolvido e não na vitória propriamente dita.”

(Mahatma Gandhi)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi o de estudar sobre a Organização Doutores da Alegria, comparando a atuação dos Palhaços com os profissionais do Lazer. A humanização hospitalar vem sendo amplamente discutida em pesquisas nas áreas de saúde e humanas, porém, o foco do trabalho não foi exatamente o de investigar qual a contribuição do trabalho dos Palhaços no tratamento de crianças internadas, mas de aprofundar no conhecimento sobre a Organização e a atuação dos Palhaços, bem como dos profissionais de Lazer. A metodologia se baseou em uma pesquisa bibliográfica em livros, anais, artigos, teses e dissertações, caderno de atividades dos Doutores da Alegria. Foi possível identificar como conclusão, analisando os resultados encontrados nas publicações, a relação do Palhaço como profissional do Lazer, pois esse lazer identificado dentro do hospital assume a função de distração, diversão, descanso, ocupação do tempo, diminuição do tédio e recuperação da tranquilidade.

Palavras-chave: Palhaços, Lazer, Doutores da Alegria, Hospitais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
JUSTIFICATIVA	9
OBJETIVOS	11
METODOLOGIA	11
REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.0 – LAZER, LÚDICO E HOSPITAIS: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?	12
2.0 – PROFISSIONAL DO LAZER	17
3.0 – E O PALHAÇO, O QUE É?	20
4.0 – A ORGANIZAÇÃO DOUTORES DA ALEGRIA	25
4.1 – O que realiza a organização além das visitas a hospitais	30
5.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Ao assistir o filme “Patch Adams: O amor é contagioso” iniciei pesquisas sobre a interferência dos palhaços no ambiente hospitalar e como se dava essa interação. Após ler livros e artigos sobre o tema, tive o primeiro contato com a organização Doutores da Alegria e a partir daí surgiu o interesse em pesquisar essa organização e o seu desenvolvimento, mais especificamente sobre o trabalho dos profissionais da organização que atuam nos hospitais, sobre a visão dos palhaços acerca de seu trabalho.

Partindo desses pressupostos, o presente estudo do Curso de Especialização em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais teve como objeto de estudo o trabalho dos Doutores da Alegria, uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que desde 1991 se insere em hospitais brasileiros com a missão de promover a experiência da alegria por meio da atuação profissional de palhaços junto a crianças hospitalizadas, familiares e profissionais de saúde e de mudar o cenário hostil dos hospitais através da intervenção artística (LOPES, SAYAD, 2008).

“Os Doutores da Alegria são palhaços que fazem de conta que são médicos para crianças que fazem de conta que acreditam” (DOUTORES DA ALEGRIA, 2009, p.42). Eles se inserem nos hospitais em duplas e a partir do primeiro contato com a criança e a permissão da mesma, começam com o jogo de palhaço envolvendo pais, profissionais de saúde, palhaço, criança e todos que estiverem por perto, construindo o momento da interação artística.

A atuação dos Doutores da Alegria traz para o hospital uma realidade diferente da pensada e vivenciada, pois palhaço e hospital são duas coisas incompatíveis assim como criança e hospital.

Quando nos referimos à criança, estamos falando de um ser que brinca, que tem capacidade de transformar objetos, de fantasiar, interpretar, rir e viver o lúdico de maneira mais expressiva, pois é um ser, segundo Almeida *et al* (2001, p.174) “caracterizado pelos sentidos de alegria, espontaneidade, liberdade e prazer”.

Brincar é uma atividade que está intimamente ligada ao comportamento infantil e ao seu desenvolvimento. Como afirma Almeida *et. al* (2001, p.173), “Embora saibamos que o lúdico acompanha os seres humanos ao longo de suas vidas, é na infância que ele se manifesta com mais intensidade”.

Diante da frieza e hostilidade dos hospitais, é necessário pensar sobre este ambiente onde crianças das mais variadas idades passam boa parte de seus dias. Crianças que deveriam estar brincando, sorrindo, socializando, se vêem diante de seringas, tubos, fios, remédios, sendo submetidas ao silêncio rigoroso, ao frio e a um ambiente sem cor como o hospital.

Com base nestas realidades, algumas questões surgiram e originaram esta pesquisa: *Como se dá o processo de trabalho do palhaço do Doutores da Alegria? O que o trabalho do palhaço tem em comum com o lazer? E com o lúdico? Os palhaços do Doutores da Alegria são profissionais do lazer? Quais são as particularidades da atuação dos palhaços que se aproximam e se distanciam da atuação de outros profissionais do lazer?*

JUSTIFICATIVA

A humanização no sistema de saúde tem sido amplamente discutida e analisada por profissionais de saúde, da arte, do lazer e interessados no assunto. Várias pesquisas relatam sobre a inserção de métodos artísticos e lúdicos que tem trazido melhoria no tratamento e recuperação dos internados, como por exemplo, Dlugokenski e Silveira (2007) que concluem em sua pesquisa que a utilização do brinquedo e do lúdico possibilitam a expressão de sentimentos e prepara as crianças para procedimentos médicos aumentando a adesão ao tratamento.

A pesquisa sobre este assunto pode contribuir para pensar e reconhecer as ações de humanização hospitalar realizadas por meio do lazer proporcionadas pelos palhaços e, também, por outros profissionais do campo do lazer.

Ressalta-se que a atuação dos Doutores da Alegria no contexto hospitalar, não se dá com a intenção direta sobre o tratamento da criança, mas sim focando o momento vivido durante a intervenção artística e sua experiência lúdica. Contudo, mesmo assim, isso não quer dizer que resultados acerca do quadro clínico dos internados não possam ser alcançados. Pelo contrário, há relatos que permitem identificar uma melhora positiva na recuperação de internados pela presença e intervenção dos Doutores da Alegria nos hospitais. Assim, pode-se dizer que pesquisar sobre esse assunto pode trazer contribuições e estímulos para se pensar em outros estudos ou projetos, os benefícios da intervenção do palhaço no tratamento das pessoas.

Além disso, pesquisar o trabalho dos Doutores da Alegria pode contribuir para o fortalecimento da organização mediante uma melhor compreensão de suas particularidades, para a criação e o estabelecimento de outras organizações semelhantes, para a disseminação e valorização do trabalho destas organizações e profissionais entre a população em geral e os profissionais atuantes dentro do contexto hospitalar. Pode também contribuir para o diálogo interdisciplinar entre o lazer e o campo da arte e do circo e, principalmente, contribuir para estudos futuros na área do lazer que analisem a organização Doutores da Alegria, pois não foram encontradas pesquisas que abordem a mesma como uma intervenção de lazer ou do ponto de vista do campo do lazer.

A pesquisa pode também contribuir para a mudança de visão sobre a atuação do profissional do lazer dentro de instituições de saúde como o hospital, estimulando e facilitando a entrada deste profissional neste contexto. Também pode contribuir para que o profissional do lazer que atua em hospitais seja visto como um cuidador, e como um profissional que contribui para a saúde das pessoas tanto quanto o profissional de saúde.

Portanto, percebe-se que existem inúmeras contribuições deste estudo que investigará o trabalho dos palhaços dentro e fora dos hospitais e, principalmente, analisará e discutirá se esses “profissionais-atores-palhaços” podem ser considerados profissionais do campo do Lazer.

OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é estudar a atuação dos palhaços do Doutores da Alegria no ambiente hospitalar diante do perfil do profissional do Lazer.

Os objetivos específicos são:

- Compreender o processo de atuação do Doutores da Alegria;
- Verificar as relações entre a atuação dos palhaços e o lazer e o lúdico;
- Discutir as particularidades da atuação dos Doutores da Alegria que a aproximam e distanciam da atuação de outros profissionais do lazer.

Tomando por base esses objetivos, o estudo se consolidou na pesquisa bibliográfica sobre o Lazer, o profissional do Lazer, o Palhaço e a organização Doutores da Alegria.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo descritiva com abordagem de natureza qualitativa. Na pesquisa bibliográfica foram identificadas, consultadas e analisadas publicações acadêmicas sobre o tema Lazer e Doutores da Alegria, tais como livros, artigos científicos, entre outros. A pesquisa bibliográfica consiste no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações. A pesquisa descritiva consiste em observar e descrever um fenômeno, permitindo visualizar uma situação e, muitas vezes, classificar e categorizar as variáveis ou as observações. Outro fator importante em relação à pesquisa descritiva é o fato de que ela delinea o que é, além de possuir aspectos de descrição, registro, análise e interpretação de entrevistas para a descrição organizada do assunto (MARCONI; LAKATOS, 2002).

Na pesquisa qualitativa, qualidade não é o oposto de quantidade, ou seja, uma coisa vaga e difícil de pressentir. Como uma dimensão essencial da

realidade social, ela surge de alguma forma, estando presente de maneira significativa na realidade do dia a dia, seja na dor ou na alegria (DEMO, 2002).

A pesquisa bibliográfica foi feita em bibliotecas da UFMG e em artigos e teses *online* em vários sites de Universidades. A pesquisa foi dividida em quatro capítulos onde são discutidos os temas relacionados ao profissional de Lazer e a Organização Doutores da Alegria. Foram pesquisados livros sobre o Lazer, sobre a Organização Doutores da Alegria, fontes na internet com busca de palavras-chaves como lazer, Doutores da Alegria, profissional do lazer, lazer em hospitais.

No primeiro capítulo, o lazer e o lúdico são relacionados explicando seus conceitos isoladamente e em conjunto. No segundo capítulo, o profissional do lazer é caracterizado de acordo com seu perfil e suas formas de atuação. O terceiro capítulo explica o que é o Palhaço, como ele surge e o que ele faz, suas características e áreas de atuação. O último capítulo é subdividido em três partes começando com a caracterização da Organização Doutores da Alegria, seu surgimento, sua atuação e trabalho. No mesmo capítulo são expostos alguns dados de pesquisas feitas até 2010 sobre a inserção dos palhaços nos hospitais e por fim, quais as outras ações da Organização fora do ambiente hospitalar.

REFERENCIAL TEÓRICO

1.0 LAZER, LÚDICO E HOSPITAIS: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

“O mistério do jogo encontra-se fora da vida diária”

Platão

As práticas de lazer, o riso, o lúdico e as brincadeiras quando relacionadas ao ambiente hospitalar parecem ser inicialmente expressões contraditórias, uma vez que o hospital é tido como um lugar de dor, silêncio,

frieza, ansiedade e outros sentimentos que remetem ao sofrimento. (ALMEIDA et al, 2001)

Para entender as práticas de lazer no ambiente hospitalar, é preciso conhecer o que é lazer e lúdico, bem como as características físicas desse ambiente e das pessoas que por ele passam e convivem.

Segundo Gomes (2004, p.125), o

lazer pode ser entendido como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres, as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

Percebe-se na conceituação de Gomes que o lazer engloba a vivência lúdica. O lúdico no contexto desta pesquisa é compreendido como linguagem humana que permite a significação e expressão das experiências dos indivíduos, as quais são partilhadas e experimentadas por outros seres humanos e são produzidas de modos diversos: gestos, danças, esculturas, etc. (DEBORTOLI, 2002).

Falando sobre lúdico, ALVES (1991) apud MOREIRA, 2001 afirma que ele é revolucionário por permitir que os seres humanos se inter-relacionem e construam novas possibilidades de convivências com base nos princípios de liberdade e prazer. As atividades cotidianas como dançar, conversar, contar estórias, passear e tantas outras podem integrar esse universo permanente de recreações lúdicas.

A permanência no hospital faz com que essas manifestações lúdicas e momentos de lazer se tornem raros. O paciente se vê em meio a fios, agulhas, remédios, preso muitas vezes a uma cama e rodeado por desconhecidos passageiros.

O lazer no hospital, segundo Wuo (2004), confirma a importância do desenvolvimento pessoal e a responsabilidade pela cura dos pacientes, tendo como elementos de base as funções psicocriativas e a busca da auto-realização.

Através dos momentos de lazer vivenciados pelo paciente no hospital, este mesmo passa dos momentos de sofrimento diante da internação para momentos agradáveis onde ele pode se expressar, criar, divertir através do brinquedo e da brincadeira, do riso e manifestações culturais proporcionadas por essas atividades.

Almeida *et. al* (2001) destacam a possibilidade de que o ambiente hospitalar se apresente como espaço onde as pessoas possam relacionar-se, onde possam transcender os valores estabelecidos ao longo do tempo, onde seja permitido vivenciar a alegria, o prazer e o lúdico que não são próprios desse espaço.

O hospital, mesmo sendo um espaço não apropriado para intervenções lúdicas, pode sim, ser um lugar onde o momento de dor pode ser trocado pelo riso, pois apesar de ser um lugar que trate de saúde ou mesmo da ausência dela, é um local onde transitam pessoas que se relacionam, precisam de atenção e que nesse espaço estão desprovidas de sua vivência natural.

Para Almeida *et. al* (2001), o ambiente hospitalar é constantemente caracterizado como “frio”, imparcial e desprovido do riso, da alegria e do lúdico e, no seu cotidiano encontramos um ambiente solitário, apesar do grande trânsito de pessoas.

A este respeito Moreira (2001) questiona: Será que o hospital é somente uma mera estrutura física? O mesmo autor já responde ao questionamento dizendo que se é nesse espaço que as relações humanas adquirem significados, o hospital enquanto espaço é um local carregado de singularidade dos indivíduos que o integram.

É preciso pensar em todas as dimensões da vida do paciente: psicológica, física e social. O físico naturalmente é tratado por profissionais de saúde dos hospitais, porém, por estarem em um local tão tenso, desprovido de momentos de descontração, esses profissionais acabam não dando atenção necessária e um tratamento humanizado aos pacientes.

O lazer no tratamento hospitalar tem a intenção de recuperar, mas acima de tudo é propiciador e representante de possibilidades de desenvolvimento do ser humano com objetivos de facilitar a manutenção e a expressão de um estilo

de atividades apropriado para indivíduos com limitações no aspecto físico, mental, emocional ou social (WUO, 2004).

As atividades de lazer trazem para o paciente momentos de descontração, fazendo com que o mesmo, por alguns instantes se desligue do seu estado real e passe a experimentar um mundo novo de fantasias, sonhos, criação e imaginação. Isso faz com que o internado participe melhor do seu tratamento, busque a recuperação e superação de seu estado de entrega à doença e, falando especificamente de crianças, com a brincadeira ela permite que o tratamento adequado seja realizado se tratado de maneira lúdica. (WUO, 2004)

Wuo (2004), falando sobre esse lazer no processo de cura, salienta que o mesmo tem caráter de propiciar um ânimo, no qual as pessoas procurem melhorar a qualidade de vida no geral e possam gerar uma atitude de evoluir e passarem a cuidar de si mesmas criando suas próprias maneiras de superar e transformar os traumas e angústias.

A ludicidade é importante, portanto, nesse processo de tratamento auxiliando a relação do paciente com os profissionais da saúde, pois segundo Moreira (2001), permite aos sujeitos viverem inteiramente e integralmente os desejos como participantes efetivos, compromissados, que se relacionam com o outro em busca de satisfação, alegria e prazer.

O lúdico pode ser vivenciado em todas as fases da vida do ser humano, ou seja, o acompanha da infância à velhice e não acaba quando entramos na fase adulta. Almeida *et. al* (2001), quando se refere às idades de vivência do lúdico, diz que “quando pensamos no lúdico, é comum remetermos a um período da vida chamado infância. Embora saibamos que o lúdico acompanha os seres humanos ao longo de suas vidas, é na infância que ele se manifesta com maior intensidade” (p.172).

Mesmo se manifestando de maneira mais intensa na infância, a ludicidade, como dito acima, pode ser vivenciada por todo ser humano. O paciente no estado de internação normalmente fica mais sensível, outros reagem mais agressivamente e se fecham para o novo. Quando apresentadas as atividades de lazer no hospital, inicialmente ocorre o estado de

estranhamento por parte dos internados, que com o tempo percebem que podem interagir com a brincadeira, o jogo e passam a participar das atividades.

Wuo (2004) trata esse envolvimento como lazer de caráter participativo e diz que essa participação gera no paciente os mecanismos de criatividade onde ele pode dançar, atuar, rir, correr, representar personagens e jogar com sua doença. A autora também afirma que o corpo doente se transforma durante a atividade de lazer em um corpo vivo, alegre, expressivo, criativo, que está em busca da recuperação e não preso a um leito com impossibilidades. Assim, para ela “O lazer divide com o atendimento clínico a mesma condição de estar dando cuidados ao paciente” (WUO, 2004, p.40).

A vivência lúdica proporcionada pelas atividades de lazer em hospitais pode trazer para o paciente um misto de emoções antes, durante e após as atividades, pois é no momento da brincadeira que os ânimos estão exaltados. Como afirma Gomes (2004), aí ocorre a mistura de alegria e angústia, relaxamento e tensão, prazer e conflito, regozijo e frustração, satisfação e expectativa, liberdade e concessão, entrega, renúncia e deleite. A mesma autora salienta que mesmo quando não se obtém o resultado almejado com a vivência lúdica, prevalece o sentimento de que valeu a pena, sendo mantido o desejo de repeti-la e conquistar novos desafios.

O hospital não é considerado local apropriado para a vivência lúdica. Quando nos referimos ao lúdico, contrapomos os sentimentos normalmente gerados em hospitais, como os descritos acima com um ambiente onde o lúdico está presente e, conforme dito por Almeida *et. al* (2001), este ambiente lúdico se torna campo fértil para o afloramento de um estado emocional agradável que gere prazer. Essas interações que ocorrem no ambiente hospitalar são capazes de criar condições para que sejam construídas relações afetivas em que os pacientes sejam tratados com atenção, carinho e assim se torne uma atitude que envolva todas as demais pessoas que estão neste ambiente.

Moreira (2001) explica que transformar o espaço hospitalar significa enxergar as possibilidades lúdicas nem sempre evidentes, que podem ser estabelecidas a partir de novas relações entre os indivíduos. A autora também

salienta que desta forma, ocorre a ampliação das relações possibilitando a expressão, a construção de significados de criação e de escolha.

Para a transformação do espaço hospitalar visto como um local de tristeza e doença, o ideal, para Godoi (2003) é começar pela mudança de mentalidade de funcionários e médicos, onde o hospital não deveria ser o local onde apenas se trata de doentes. Afinal, o produto de consumo do hospital é a saúde, e é para isso que o hospital é procurado, para vender saúde.

2.0 O PROFISSIONAL DO LAZER

Afinal, quem é esse profissional do Lazer? Como devem ser suas características e local de atuação? Neste capítulo, apresenta-se a importância desse profissional e suas particularidades, conceituando o seu perfil e áreas de atuação.

Falando do profissional do Lazer é preciso entender que o mesmo está totalmente ligado à cultura. Assim, entende-se que ele deve estar atualizado no seu tempo e nas mudanças acontecidas ao seu redor e, principalmente, em questões relacionadas ao seu ambiente de trabalho.

Para entender um pouco mais sobre o que seria essa cultura, remetemos ao conceito apresentado por Chauí (1985) citado por Bruhns (2000) que apresenta a cultura como sendo “uma ordem simbólica que exprime o modo pelo qual homens determinados estabelecem relações com a natureza e entre si e o modo pelo qual interpretam e representam essas relações...” (p. 62).

Melo e Alves Junior (2003) apontam a necessidade de que a formação de profissionais assuma a função de educar as sensibilidades, possibilitando experiências que ampliem as vivências culturais dos sujeitos.

Retomando um pouco a discussão sobre o lazer para falar desse profissional, Bonalume (2000) diz que o lazer permite exercitar o corpo, a criatividade, a imaginação, as habilidades manuais, a observação, o raciocínio,

as relações interpessoais e outras que envolvem o ser humano e sua totalidade. A autora também salienta que o lazer proporciona satisfação pessoal e coletiva, descoberta do corpo, suas limitações e possibilidades, resgate da auto-estima e do prazer, favorece a descoberta da possibilidade de organização coletiva na busca de direitos que garantam uma vida melhor.

Sendo assim, com base nestas ponderações percebe-se que lazer e a cultura estão interligados e que essas relações se dão por intermédio de um profissional que seja capaz de despertar nas pessoas o gosto pela cultura e a busca pelo lazer possibilitando o desenvolvimento de uma consciência crítica e a transformação de sua realidade.

Nesse contexto, esse profissional possui características próprias que devem ser observadas e trabalhadas durante sua atuação profissional. Pina (2005, p.120) expõe 10 características importantes para o profissional do lazer que são:

- 1) Formação: A formação superior é desejável, mas não imprescindível. O profissional não precisa ter uma formação superior específica, mas a formação universitária pode contribuir para o melhor desempenho;
- 2) Informação: O profissional deve ser bem informado. Estar ligado no tempo, lugar, mundo, campo profissional, ler jornais, revistas, acompanhar as programações culturais e as que não têm contato, procurar obter informações;
- 3) Comportamento e atitude: Relacionar-se bem com todas as pessoas com simpatia e naturalidade. Mas, acima de tudo, deve saber separar o lado pessoal do profissional;
- 4) Atualização: O profissional deve estar atualizado tanto social quanto culturalmente e estar em dia com os acontecimentos da sociedade e seu meio profissional;
- 5) Imaginação e intuição: Esse profissional deve saber usar as pessoas que participam das atividades que ele propõe, suas diferentes capacidades de raciocinar, imaginar e intuir;
- 6) Criatividade: Capacidade de adaptação às circunstâncias e recursos disponíveis. Transformar e utilizar o que já existe em termo de idéias, alternativas, possibilidades e recursos;
- 7) Cooperativismo: Capaz de trabalhar e atuar em grupo. Incentivar e estimular as pessoas a expressarem suas capacidades e potencial;
- 8) Dedicção: Assumir o que pode fazer. Estar pronto a atender às pessoas, concluir o que começou;
- 9) Comunicação: É necessário saber se expressar, escutar e entender. Saber aceitar idéias e informações dos colegas pois podem ser úteis para o seu processo de trabalho;
- 10) Auto formação permanente: Estar sempre procurando aprender, participar de cursos, eventos, ler, observar e buscar novas instruções profissionais.

Todas estas características apresentadas devem estar presentes no profissional que trabalha com o lazer, sendo algumas mais regularmente apresentadas.

Conforme Silva (2007) salienta, o profissional do lazer deve ser capaz de atuar numa equipe multidisciplinar buscando um trabalho interdisciplinar estabelecendo assim, um intercâmbio de experiências e engajamento nos processos tanto esportivos quanto culturais.

Além da prática, o profissional qualificado precisa ter uma base teórica sólida. Como dito anteriormente, não é necessário uma formação superior, porém é necessário que ele tenha domínio sobre sua atuação. Marcellino (1995) ressalta que a formação de profissionais no campo do lazer deve ser pautada na competência técnica, científica, política, filosófica e pedagógica e no conhecimento crítico da realidade.

Essa formação permite que o profissional tenha sua atuação pautada em várias instâncias como ressaltado por Pina (2005): Organizando atividades quando as pessoas por falta de experiência, informação, recurso ou tempo não podem organizar as diferentes etapas da mesma; liderando grupos, iniciando as pessoas em diferentes modalidades artísticas; viabilizando e administrando recursos para que os grupos possam usufruir de atividades de lazer.

Ainda, esse autor salienta que os profissionais do lazer não constituem uma categoria profissional plenamente consolidada no mercado de trabalho e no sistema social, eles são pouco conhecidos e valorizados mesmo tendo contato direto com o público (PINA, 2005).

A área do lazer não é fechada ou restrita apenas a um tipo de formação, podendo ter profissionais advindos de variados cursos, ou seja, é um campo multidisciplinar e interdisciplinar. Isayama (2005) cita algumas formações das quais podem surgir o profissional do lazer: Arte, Educação, Educação Física, Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Terapia Ocupacional, Turismo e Hotelaria, dentre outras.

Essa variada gama de áreas faz com que o profissional tenha dificuldade de possuir uma identidade própria, não significando que isso seja um ponto negativo para a atuação em lazer.

Conforme nos fala Pinto *et. al* (1999), o campo do lazer é um possibilitador de relações interculturais entre diferentes grupos e indivíduos. Desse modo, articula-se sob formas de redes e parcerias cuja complementaridade se constrói a partir das diferenças mobilizando crescimento cultural e enriquecimento mútuo.

Como exposto, o profissional da área do lazer pode advir de formações diferenciadas, contudo, o desafio de hoje, segundo Bonalume (2000), é buscar uma formação profissional que permita estabelecer relação crítica com seu campo de intervenção social, com habilidades mais subjetivas como a iniciativa própria, a criatividade e a cultura em geral. Portanto, o profissional deve ser sensível e atento ao que acontece no mundo, interagindo com o mesmo e buscando novas possibilidades de trabalho e contato com o público ao qual se direciona.

O profissional do lazer deve manter um posicionamento de amizade com seu público, e conforme exposto por Martinez (2007), ele deve passar às pessoas não as certezas, mas as incertezas da vida e deve criar a dúvida sobre o que antes parecia correto e óbvio. Propor o pensamento crítico e criativo possibilitando ao indivíduo escolher o que é melhor para si, criar, transformar e propagar seus conhecimentos tornando-o ativo no processo cultural.

3.0 E O PALHAÇO, O QUE É?

Os palhaços são filósofos porque as pessoas não são capazes de olhar o mundo com transparência.
(Sarcey, 1999)

O palhaço é o que move a organização Doutores da Alegria. Para entender a lógica dessa intervenção, é preciso conhecer um pouco sobre esse ator, o que ele é e o que deseja passar para os que estão ao seu redor, bem como analisar se ele pode ser considerado ou não um profissional do lazer, como é o objetivo dessa pesquisa.

Masetti (2003) diz que o momento em que o palhaço coloca o nariz vermelho e obtém a permissão da comunidade para atuar sobre a lógica de um pensamento complexo.

Wuo (1999) completa dizendo que o nariz funcionaria como a chave que abre a porta para essa lógica. Para ter acesso a essa chave, o palhaço se confrontará com muitos momentos de dificuldade e superação do seu lado ridículo, escondido e não aceito.

O nariz vermelho é marca principal do palhaço, a menor máscara do mundo e é onde ele esconde sua verdadeira identidade passando do mundo real para o mundo de fantasias. Nesse mundo, o palhaço tem que enfrentar o estranhamento e a rejeição do público para viver o seu personagem e tentar envolver todos em seu jogo de palhaço (PESSOA, 2004).

Sobre isso, Anne e Barry (1977) apud Masetti (1998) salientam que o palhaço nos proporciona a experiência de uma grande variedade de papeis e situações. Estimula-nos a aceitar diferentes reações e, assim, nos ajuda a expandir nossas identidades, dissolvendo os limites do ego.

Como um “médico” desastrado, o palhaço brinca com a hierarquia dentro do hospital e promove a reflexão das relações existentes. No seu modo particular de ser, o palhaço chama a atenção para aquilo que está saudável na pessoa doente, provocando alterações no seu estado de humor (MASETTI, 2003).

O palhaço nos faz transcender do mundo real para o imaginário com suas brincadeiras sem que percebamos nossa transformação. Sua habilidade em transformar ambientes faz com que a imprevisibilidade seja o principal em suas ações. Ele quebra a lógica dos fatos propondo soluções que não se aproximam da realidade fazendo com que a sua presença nos incite a perceber os acontecimentos por outros ângulos.

Quando falamos em palhaço, a imagem que nos vem à cabeça é de alguém que tem a função de nos fazer rir. Porém, segundo Ramos (2008), um olhar um pouco mais acurado mostra que nem sempre é (só) o caso. Os mesmos dizem que o palhaço personifica características e estados que as pessoas passam a vida querendo negar como a fragilidade, a inadequação, a

ingenuidade infantil, o ridículo. O palhaço é a figura que legitima o erro, porque dela rimos, nos encantamos e, com isso, fazemos as pazes com o nosso “lado B”. Por ser protegido pela eterna condição de “café-com-leite”, o palhaço é livre inclusive para criticar, e essa chance ele não perde (BALANÇO DOUTORES DA ALEGRIA, 2008).

Por todas as características descritas, o palhaço é uma figura que nos remete à alegria, ao prazer de viver e ao encontro com nosso lado infantil. Sendo assim, ele está diretamente ligado às crianças e ao que nos faz lembrar as mesmas.

Masetti (1998, p.66-7) em seu livro Soluções de Palhaço expõe várias características que fazem parte do palhaço e de seu mundo que são descritas a seguir:

O palhaço é movido pela curiosidade e flexibilidade, pela capacidade de aceitar erros e transformá-los em recursos. Pela postura de enobrecer a atitude do outro, por mais absurda que ela seja ao olhar racional. A capacidade que o palhaço tem de incorporar qualquer fato ao momento favorece a possibilidade de lidar com eventos de difícil expressão ou geradores de tensão. Ele ajuda a lembrar a vulnerabilidade da condição humana, em um ambiente onde se exige perfeição. Com isso, favorece a elaboração de conflitos e dificuldades. O palhaço leva diretamente ao sentimento, sem palavras ou análises. Desse modo, aumenta a capacidade de sentir: estimula que se aceitem muitas possibilidades e diferentes reações, expandindo limites de comportamento. Sua ação, caracterizada pela imprevisibilidade, ensina que nada persiste e favorece a ligação com o presente. Ele desafia a ordem das estruturas sociais, sabota o princípio do pensamento lógico e racional e se conecta com a parte infantil das pessoas. Dessa maneira, rompe com hierarquias de poder e melhora a comunicação. Sua conduta é a de apoiar a atitude do outro, ajudando na construção de relações de qualidade.

De acordo com Ferreira (1999), o palhaço é o artista circense que se veste de maneira grotesca e faz pilhérias e momices; homem que se presta ao ridículo. Chamar alguém de palhaço sempre soou como uma ofensa, uma forma de depreciar uma ação remetendo ao ridículo. O papel do palhaço era tido como pejorativo, patético e distante de sua atuação (MASETTI, 2003).

No documentário “Doutores da Alegria: O filme”, Morgana Masetti falando sobre o palhaço relata que “Para se encontrar, o palhaço tem que entrar em contato com o ridículo. Tudo que é ridículo no homem é a força no palhaço. O palhaço sabe perder, mas sempre ressurgue das cinzas”.

Por causa dessas definições, o termo clown passou a ser utilizado no Brasil. Clown é a versão em inglês para a palavra palhaço e é usualmente utilizado para designar a atuação desse personagem em espaços não circenses, como teatro e hospital (MASETTI, 2003).

Palhaço e hospital não são uma relação muito usual, podendo ser até um paradoxo. Para ser um palhaço de hospital, segundo Achcar (2007), ele precisa se formar, se preparar e escolher, sobretudo escolher, como uma forma de atuação profissional, o trabalho com crianças no hospital. O ator que escolhe o palhaço para atuar num hospital está definindo uma linguagem artística particular como instrumento para se relacionar com o outro.

No hospital, normalmente, os dias passam corridos, pessoas entram e saem sem ao menos se comunicarem com as outras. Podem ser percebidos rostos ansiosos, preocupados, felizes com uma nova vida, entediados, nervosos, porém, são apenas imagens que ficam e passam sem que nada seja feito por elas.

Para Masetti (2005), o ofício do palhaço fala do esforço do homem de se entregar à única condição possível de existência: a da relação humana. Ele nos re-conecta com essa potencialidade e com a essência da medicina, esse fascinante universo pelo qual anda nosso imaginário sobre vida e morte, por onde circulam afetos e desejos impressos nos corpos. Espaços em que os sentidos de olhar, ouvir e tocar fazem circular esses acontecimentos.

A medicina é o campo em que acontecem as maiores relações humanas, porém, por se tratar de saúde e doença, os profissionais dessa área, principalmente em hospitais, trabalham sob pressão e tensão nessa difícil tarefa de recuperar e salvar vidas. O palhaço vem para quebrar com o clima sério do hospital e intervir diretamente no trabalho dos profissionais de saúde. (MASETTI, 2005)

Wuo (1999) em seu estudo sobre a intervenção do Clown na hospitalização salienta que como o médico tem a função de salvar o corpo físico do paciente, os clowns, os personagens circenses e aqueles pertencentes a uma genealogia do “cômico da representação” têm a função de salvar e manter, no corpo dos indivíduos de uma sociedade, aspectos inerentes

à vida saudável, lúdica e alegre. Por isso, é que a imagem dessa genealogia circense está presente e cumpre um papel na sociedade desde os primórdios da humanidade.

No hospital, a figura do palhaço apesar de causar estranhamento remete à reconfiguração da realidade. A surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir, revela-se nos lugares estranhos, não conhecidos (ÍTALO CALVINO *apud* MASETTI, 1998).

O palhaço no hospital brinca com a imaginação utilizando todos e tudo ao seu redor. Ele constrói sua atuação artística por onde se movimenta: corredores, elevadores, balcões de prescrição, entre outros. Cada encontro poderá se transformar em um espetáculo. O foco é a criança, mas ao mesmo tempo o artista está atento à pulsação do que acontece por onde transita (MASETTI, 2003).

Para Masetti (2003), esse palhaço que transita nos hospitais normalmente está vestido de branco, mas as cores não são extintas de sua roupa, muitas vezes estão camufladas com os objetos estranhos que se misturam a instrumentos médicos e objetos do hospital. Esse personagem é normalmente alegre, que nos leva a um sentimento de liberdade e de encontro com nossos sentimentos mais profundos e escondidos.

Segundo Achcar (2007), o palhaço de hospital foge à empregabilidade superficial e desenfreada da comicidade publicitária e é aproveitado na promoção de uma idéia de saúde e bem estar geral, que está relacionada com a valorização da humanidade nos indivíduos.

Masetti (1998) relata um encontro de um palhaço com uma criança hospitalizada e como ocorre esse mágico momento que é descrito a seguir:

Um palhaço e uma criança se encontram. O espaço da cama que envolve a criança delimita esse encontro. Dentro dos lençóis ordenadamente arrumados e das grades que a protegem, uma criança tem um desafio importante: viver. Ele está sendo cumprido no ritmo dos aparelhos, na velocidade dos homens e na presença do mistério da vida que habita seu pequeno corpo. O palhaço acredita na força desse encontro e que brincar é a melhor forma de se encontrar. Um encontro não tem tempo definido para ocorrer. Depende da intensidade dos olhares e da permissão para o jogo. E aqui o jogo já começou e nele é difícil dizer quem brinca com quem.

Tão intenso que brincar, nesse encontro, é sinônimo de viver. Dos mistérios do corpo, poucos são os que a ciência descreveu. Os dígitos dos aparelhos talvez não captem totalmente o resultado desse encontro, nem mesmo o olhar dos profissionais cientistas que estão em volta. Só mesmo os sorrisos que fazem parte agora desse cenário podem ser o incontestável testemunho de que esse encontro deu sua contribuição à vida.

Da troca de olhares curiosos, nasceu o diálogo entre eles. Brincando, dialogaram e lhe contaram, na língua dos palhaços, como era feito o mundo, a medicina e o hospital. Mostraram-lhe todos os seus instrumentos “médicos” e, juntos, descobriram como se podia brincar com eles. Ela pôde falar de seus medos e dúvidas, experimentando também a condição de “médico” e a possibilidade de salvar pessoas. Juntos cantaram, riram e cuidaram de não sentir o tempo passar. Não soube dizer precisamente em que momento, se no fechar ou abrir, no intervalo de piscar os olhos, sentiu sua alma despertar. Ela ganha espaço ali, entre máquinas e apitos.

O palhaço de hospital surge como uma resposta à procura de uma sensibilidade humana e sanidade das loucuras e tristezas que o processo de internação causa. O palhaço pretende levar ao hospital a animação, felicidade e toda alegria possível. E tentar assim, conjuntamente com toda equipa médica e restantes colaboradores, atenuar um pouco do sofrimento de todas os que chegam aos hospitais.

4.0 A ORGANIZAÇÃO DOUTORES DA ALEGRIA

Os palhaços da Organização Doutores da Alegria surgem, como o nome diz, para quebrar, com a alegria, o sentido de tristeza que se instala nos hospitais. Os atores adentram aos hospitais se passando por médicos que de uma maneira estranha, fazem exames, visitam e dão laudos a pacientes, em especial as crianças internadas.

Os Doutores da Alegria são uma organização do terceiro setor, este que tem crescido consideravelmente nos últimos treze anos e mais e mais os hospitais passaram a abrir suas portas para atividades “extracurriculares” aos diagnósticos e intervenções técnicas (MASETTI, 2005).

Sobre o início da Organização, Wellington Nogueira explica como surgiu o nome em um relato ao caderno Balanço dos Doutores da Alegria 2008:

O nome... Foi numa madrugada de maio de 1991. Eu tinha que apresentar o projeto a um possível patrocinador. Tudo escrito, menos o nome do dito cujo... Foi quando li a declaração de uma mãe atendida pelos palhaços do *Clown Care Unit*, em Nova York, que dizia que eles eram os verdadeiros "*doctors of delight*". Pensei: "o que é que um palhaço tem que garantir no hospital? Alegria! Doutores da Alegria... Acho que é legal... Escrevi o nome no papel e li em voz alta... Ficou claro que não seria Doutores do Riso, ou do Sorriso, porque essas eram formas de manifestar a alegria, algo simples que não necessariamente tem que desembocar em uma explosão de gargalhadas. Sutil, marcante e delicado. Pegou! (RAMOS, 2008, p.3)

O nome da Organização tudo tem a ver com sua visão e missão, que, segundo Masetti (2005), é a de promover a experiência da alegria como fator potencializador de relações saudáveis por meio da atuação profissional de palhaços junto a crianças hospitalizadas, pais e profissionais de saúde. Além de tudo, a Organização compartilha com a sociedade a qualidade desse encontro através da produção de conhecimento, formação e criações artísticas.

Ainda, Masetti (2005) fala sobre a visão da Organização que é a de tornar-se um centro cultural referência na arte do palhaço e nas artes cômicas em geral oferecendo acervo, publicações, cursos e produções artísticas que estimulam a reflexão e o diálogo crítico com diversos setores da sociedade.

A Organização cresceu consideravelmente após apoio da sociedade e contribuições de grandes empresas e hospitais. O foco de seu trabalho e estabelecimento se expandiu e hoje vários estados recebem a participação e intervenção dos atores em hospitais e em outras instâncias da sociedade.

O trabalho dos Doutores da Alegria ultrapassa a marca de meio milhão de visitas a crianças internadas em 20 hospitais públicos de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Belo Horizonte. A atuação dos palhaços se concentra em instituições públicas, com no mínimo 50 leitos infantis, em sua maioria localizadas em regiões periféricas (RAMOS, 2008).

Os palhaços do Doutores da Alegria fazem visitas a crianças hospitalizadas e se passam por médicos utilizando a brincadeira como fator de interação e contato com os pacientes. Winnicot (1975) salienta que o brincar é universal e próprio da saúde, facilitando o crescimento do indivíduo, os relacionamentos grupais e a comunicação. Segundo ele, o sentido de liberdade

e de criatividade está diretamente ligado à possibilidade de a criança viver o lúdico. E esse sentido lúdico é o fator primordial no encontro que o palhaço tem com a criança hospitalizada e todos a seu redor.

Os palhaços deixam uma marca especial pelos lugares que passam. Segundo Masetti (1998), os palhaços deixam para as crianças um nariz vermelho ou pequenos adesivos coloridos em seus rostos. Isso serve para religar a criança à interação, mesmo na ausência dos palhaços transformando a realidade à sua volta (MASETTI, 1998).

Morgana Masetti no Documentário “Doutores da Alegria: O filme” fala que o palhaço não é uma anestesia, ele reconhece o que a criança está vivendo e respeita. A entrada dos Doutores da Alegria modificou o ambiente hospitalar, eles veem o lado invisível do paciente, o lado de dentro e os médicos, o lado visível, o de fora.

Os artistas chamam os adesivos coloridos deixados com as crianças de “pílulas de bom humor”, pois têm a função psicológica de recordar as experiências vividas sendo um remédio para a alma dos pacientes que assim podem acreditar em sua capacidade de brincar, apesar da situação de doença e hospitalização (MASETTI, 1998).

O objetivo dos Doutores da Alegria não é essencialmente terapêutico. Isso pode acontecer como consequência de sua intervenção artística que é uma pequena parte do potencial de sua intervenção. Para Masetti (2003), o maior desafio é enxergar sob que critérios eles interagem com o ambiente hospitalar, como constroem seus valores e sua ação. Dessa constatação pode-se deduzir quais dos fatores desse universo são capazes de colaborar no desenvolvimento do modelo médico atual e na interação com pessoas que passam por uma situação de doença.

Sabe-se, portanto, que a intervenção artística dos palhaços da Doutores da Alegria está baseada na brincadeira, na fantasia e tudo o que acontece se torna motivo para aprimorar esse encontro com a criança hospitalizada. Essa é uma das características da atuação dos Doutores da Alegria.

Segundo Masetti (1998), qualquer acontecimento vira recurso para o trabalho dos atores: Um enganchar de porta, um tropeço, um “não”, tudo é

incorporado como oportunidade e canalizado para a linguagem humorística. Essa oportunidade carrega em si uma metáfora importante, em se tratando de doença e hospitalização que é a de que é possível transformar a dor e o sofrimento.

Mesmo em difíceis situações que os palhaços encontram nos hospitais, eles têm a missão de manter o clima de alegria transformando a realidade do local, por isso, eles são classificados por Masetti (2003) como promotores de boas misturas. Esse atributo acontece na atuação do personagem do palhaço, da forma como percebe a realidade e se relaciona com o mundo à sua volta. O palhaço é movido pela curiosidade e flexibilidade, pela capacidade de aceitar erros e transformá-los em recursos, pela postura de enobrecer a atitude do outro, por mais absurda que ela seja ao olhar racional (MASETTI, 2003).

O trabalho dos Doutores da Alegria está baseado na cultura da alegria. Essa cultura se espalha e se explica, conforme Natsu (2010) quando a pessoa não está bem e aí alguma coisa boa acontece e o riso começa a surgir, relaxa um pouco os músculos, olha ao redor e vê outra pessoa que precisa também de um sorriso, então esse gesto vai se reproduzindo até a alegria se espalhar.

A cultura da Alegria, como definido por Natsu (2010), tem a relação com cultivar, nos educamos para sempre manter a porta aberta para a experiência da alegria e cultura porque a experiência pode muitas vezes ser o resultado de um contato com a arte.

Thais Ferrara, diretora artística dos Doutores da Alegria, fala no Livro de Atividades de 2010 (p.13) que “Trabalhar para uma platéia hospitalizada não nos deixa menos artistas, pelo contrário. Reascende o motivo pelo qual escolhemos este ofício.” Isso mostra o prazer e a paixão com que os palhaços realizam seu trabalho nos hospitais.

E esse palhaço, o que é? Ramos (2008), explica que o Doutor da Alegria é um artista profissional com bagagem de teatro, do circo, da rua, da música ou da dança, que se a(pro)fundou na linguagem do palhaço e a ajustou para o ambiente hospitalar, tornando-se apto a integrar com louvor a equipe médica da casa. Em uma linguagem bastante própria do universo do palhaço que dentro dos hospitais é chamado de médico Besteirologista, Ramos (2008)

explica que esse doutor faz visita periódicas, exames esquisitos, perguntas esdrúxulas (O senhor tem fome quando não come?...) e procedimentos inimagináveis.

Os atores, em duplas, visitam as crianças em cada leito, duas vezes por semana, durante aproximadamente 6 horas por dia, 48 semanas por ano. Eles dedicam-se por pelo menos mais de um dia por semana a aperfeiçoar sua arte, ampliando seu repertório de forma a levar o que têm de melhor para o hospital (RAMOS, 2008).

Sobre a formação dos palhaços, todos são atores e essa formação para a Organização sempre foi fundamental. Segundo Ramos (2008), o começo da preparação foi com os próprios artistas, depois vieram os jovens aprendizes, na seqüência foi criada a Escola de Palhaços com formação e orientação para grupos de atuação semelhante a dos Doutores.

Em 1998, foi criado o Centro de Estudos, rebatizado em 2006 como NUFO – Núcleo de Formação e Pesquisa. A partir daí, os Doutores ficaram ainda mais atentos ao que, criado a partir dos trabalhos em hospitais, poderia ser disseminado na forma de espetáculos, cursos, publicações e outros tipos de intervenção (RAMOS, 2008).

Segundo Ramos (2008), o NUFO estuda a arte e a linguagem do palhaço em geral e a dos Doutores em particular. Atualmente, conduz a Avaliação do Impacto do Programa de Visitas dos Doutores da Alegria aos Hospitais, sob consultoria do Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social. O NUFO acompanha os processos criativos dos palhaços observando seu cotidiano e as questões éticas e estéticas que emergem de sua prática.

Além dos estudos, os palhaços do Doutores da Alegria se dedicam a aprimorar seus conhecimentos e práticas com cursos, palestras, estudos de novas brincadeiras, ensaios e preparações para fazerem uma atuação cada vez mais envolvente e agradável a todos os hospitalizados.

“Quando vemos os Doutores da Alegria em ação, temos certeza que algo importante acontece. Talvez a sua maior contribuição seja tocar a medicina atual, não com uma crítica opressora, mas com um atraente convite:

ligar-nos diretamente a um alimento que a alma humana necessita.” (MASETTI, 2003, p. 37).

No Livro de Atividades 2010 dos Doutores da Alegria, Natsu (2010) faz uma linha do tempo relatando a evolução da Organização e suas realizações como mostra a seguir:

1991: Fundação da Doutores da Alegria
1995: Montagem do primeiro espetáculo teatral dos Doutores da Alegria (Midnight Clowns)
1996: Criação da palestra dos Doutores da Alegria
1997: Doutores recebem o prêmio Criança da Fundação Abrinq
1998: Criação do Centro de Estudos, mais tarde rebatizado como Núcleo de Formação e Pesquisa/ Publicação do livro “Soluções de Palhaços – transformações na realidade hospitalar” de Morgana Masetti. É a primeira pesquisa sobre o impacto social do trabalho dos Doutores da Alegria/ Inauguração da unidade Rio de Janeiro/ Criação das Oficinas de formação para profissionais de saúde.
2002: Criação do espetáculo Congresso de Besteirologia
2003: Inauguração da unidade Recife
2004: Início do Programa de Formação de Palhaços para Jovens/ Primeira saída do Bloco do Miolo Mole no carnaval de Recife.
2005: Criação do espetáculo “Poemas Esparadrápicos – O musical”/ Primeira edição do Caderno Boca Larga
2006: Criação do Espetáculo Vamos Brincar de Médico, reconhecido pela crítica como a melhor transposição de um trabalho social para os palcos/ Realização da primeira Roda Artística do Hospital
2007: Lançamento do Programa Palhaços em Rede/ Inauguração da unidade de BH/ Bloco do Miolinho Mole invade os hospitais de Recife no Carnaval/ Criação do espetáculo Dramalhaço
2008: Abertura da Escola de Palhaços dos Doutores da Alegria/ Criação do espetáculo Senhor dodói/ Primeira apresentação da Roda Artística no teatro
2009: Inauguração do Espaço Cultural Doutores da Alegria/ Início do Projeto piloto Platéias Hospitalares no Rio de Janeiro
2010: Primeiro encontro Nacional do Programa Palhaços em Rede (NATSU, 2010 p. 22,23).

4.1 O que realiza a organização além das visitas a hospitais?

Além da visitas hospitalares que é o foco e o princípio da Organização Doutores da Alegria, surgiu a necessidade de expandir esse trabalho. Foram criadas várias saídas para que essa boa mistura se propagasse em vários âmbitos da sociedade.

Palhaços em rede: Ramos (2008) no Balanço Doutores da Alegria explicam que o objetivo do programa Palhaços em Rede é estimular a cooperação entre os novos grupos que vem se formando nos hospitais com foco na qualidade do trabalho a ser levado para o internado preservando a linguagem do palhaço.

Formação de Palhaços para Jovens: O Programa de Formação de Palhaços para jovens segundo Ramos (2008), oferece formação artística gratuita com foco na máscara do palhaço para jovens de 17 a 23 anos, promovendo inclusão cultural e social. Ao final do programa, os jovens participam da criação, concepção e montagem de um espetáculo que circula pelos próprios bairros em que vivem, além de outros teatros e centros culturais de São Paulo.

Escola de Palhaços: No ano de 2010, segundo Natsu (2010), foi criada a Escola de Palhaços dos Doutores da Alegria que é o curso PHD – O Palhaço, sua Habilidade e seu Desenvolvimento. Nele, o artista aprofunda a pesquisa do palhaço como o aperfeiçoamento de habilidades específicas como música, canto e técnicas circenses. Além disso, há os cursos de formação na linguagem do palhaço para atores, e com aula para curiosos, voltadas ao público em geral que quer conhecer mais sobre a figura do palhaço.

Espectáculos Teatrais: Os Doutores da Alegria transbordaram dos hospitais, derramaram para além dos muros hospitalares e estão levando para fora tudo o que aprenderam e continuam aprendendo. (RAMOS, 2008) Ao longo da caminhada artística foram criados os espetáculos: Senhor Dodói, Palhaços em Concerto, Midnight Clowns, Roda Artística, Poemas Esparadrápicos, Congresso de Besteirologia, Dramalhaço, Vamos Brincar de Médico, Poemas Esparadrápicos – o Musical, Que Palhaçada é Essa?!? – Festival dos Doutores da Alegria.

Espaço Cultural Doutores da Alegria: Em 2009 foi inaugurado o Espaço Cultural Doutores da Alegria. Além da programação cultural na sede e nas unidades, o público tem acesso ao acervo da midiateca dos Doutores que inclui livros, artigos, teses e filmes sobre o palhaço e as artes cômicas em geral, além de materiais de registro histórico da organização (NATSU, 2010).

Bloco do Miolo Mole: O Bloco do Miolo Mole, segundo Ramos (2008), reúne no Recife Antigo, foliões que se juntam a profissionais de saúde e ex-pacientes atendidos pelos Doutores nos hospitais. A folia também vai para dentro do hospital com o Bloco do Miolinho Mole que conta com o cortejo, frevo e estandarte.

Platéias Hospitalares: O hospital é encarado como um espaço de vida e, portanto, de arte. Assim, os Doutores trabalham na elaboração de uma programação cultural especial para os hospitais, com atividades voltadas a pacientes adultos e idosos, além das crianças e comunidades do entorno do hospital. Além de fazer a curadoria, também orientam os grupos selecionados para as apresentações que incluem linguagens artísticas diversas: teatro, dança, música, circo, entre outros. Em paralelo ao Platéias Hospitalares acontece a *Oficina Boas Misturas* com os profissionais de saúde (NATSU, 2010).

Publicações: Até o ano de 2010, foram publicados os seguintes livros: *Soluções de Palhaços* (1997), *O Livro dos Segundos Socorros* (2001), *Boas Misturas* (2003), *Poemas Esparadrápicos* (2004), *Coleção Boca Larga* (2005, 2006, 2007 e 2008), *Doutores da Alegria – o Lado Invisível da Vida* (2006).

Inserção na mídia: Os Doutores da Alegria também se encontram na mídia e em plena atividade! Além de aparições em jornais, revistas, televisão e rádio, eles estão na internet com a *Gazeta dos Doutores da Alegria*, *O Blog* e a *TV Doutores da Alegria* disponibilizada através do site Youtube (RAMOS, 2008 e NATSU 2010).

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada objetivou estudar a atuação dos Palhaços da Doutores da Alegria no ambiente hospitalar diante do perfil do profissional do Lazer. Os quatro capítulos aqui apresentados procuraram explicar a compreensão do processo de atuação da organização Doutores da Alegria; a

verificação das relações entre a atuação dos palhaços, o lazer e o lúdico; a discussão das particularidades da atuação dos Doutores da Alegria que a aproximam e distanciam da atuação de outros profissionais do lazer.

Através de uma revisão bibliográfica foi possível identificar essa relação e analisando os resultados encontrados é possível assumir algumas conclusões.

Segundo Masetti (1998) *apud* Pinto (2009), os palhaços proporcionam para os internados a oportunidade de ressignificação do espaço e da função do hospital, transformando-o em um espaço que engloba tudo o que faz parte da vida.

Ainda na linha de pensamento de Pinto (2009), considerando-se a realidade hospitalar como um campo para a atuação profissional no âmbito do lazer, este não possui um único papel, porque pode contribuir de diversas formas para melhorar a condição de saúde dos sujeitos internados, acompanhantes e cuidadores.

Como exposto no capítulo sobre o profissional do Lazer, esse mesmo deve ser dinâmico, ter uma boa relação com o público a que se destina, saber improvisar, e estar atento aos acontecimentos ao seu redor.

Diante disso, Masetti, no documentário, fala sobre o palhaço que improvisa cada momento e assim, ele tem que ser transparente. Para ele, o erro é um bilhete premiado em loteria federal (DOUTORES DA ALEGRIA: O FILME, 2005).

Pinto (2009) nas palavras de Pimentel et al. (2004) diz que é preciso ter claro que o lazer representa um campo multidisciplinar de intervenção, necessitando da participação de diferentes profissionais de saúde na sua viabilização dentro do hospital. Isso significa que, por mais que o profissional de lazer seja importante neste processo, sem o envolvimento de outros profissionais não é possível torná-lo parte integrante dos serviços do hospital.

Natsu (2010) falando sobre os Doutores da Alegria explica esse trabalho dentro dos hospitais em que seus profissionais possam ser considerados da área do lazer:

Doutores da alegria é um espaço de trabalho desafiador, porque concentra profissionais de formações muito diferentes. Profissionais de empresas do segundo setor ou de outros projetos sócio culturais, atores e palhaços que vêm do mundo artístico. Todos têm uma responsabilidade artístico-social muito clara: a de fazer a diferença na experiência com o público por meio de uma intervenção de qualidade junto a crianças hospitalizadas, seus familiares e profissionais de saúde (NATSU, 2010, p. 8)

Acredita-se que o palhaço, segundo Pinto (2009), pode ser visto como um profissional que atua no âmbito do lazer. No entanto, da mesma forma que o palhaço, outros profissionais qualificados para atuar com o lazer em outras perspectivas podem trabalhar no contexto hospitalar. E a mesma autora, ainda expõem que o que se observa é que a formação profissional em saúde pouco esclarece sobre a importância do lazer e sobre as suas contribuições para a vida das pessoas, entre elas os internados, constituindo um fator dificultador para o reconhecimento do papel do lazer neste contexto.

Conclui-se, então, que toda a forma de atuação dos palhaços dentro e fora do hospital muito se aproxima do perfil do profissional de Lazer por todos os motivos expostos durante a redação da pesquisa. Para Pinto (2009), de um modo geral, o lazer identificado dentro do hospital assume a função de distração, diversão, descanso, ocupação do tempo, diminuição do tédio e recuperação da tranquilidade. Isso é o que os Doutores da Alegria proporcionam aos internados. E segundo Masetti, no documentário Doutores da Alegria: o filme, a alegria é o resultado de uma relação bem estabelecida quando o palhaço entende e respeita a situação da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHCAR, Ana Lúcia Martins Soares. **Palhaço de Hospital: Proposta Metodológica de Formação**. UNIRIO 2007. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/Vcongresso/textos/pedagogia/AnaAchcar.Pdf>
Acesso em: 10 jun. 2010.

ALMEIDA, C.F.; SOARES, A.F.; HERINGER, C.; PINTO, G.P.; OLIVEIRA, M.C.; MOURA, R.C.B.; MOREIRA, R.B.; PERS, F.A.S.; WERENCK, C.L.G.; ISAYAMA, H.F.; BORGES, K.E.L.; REZENDE, R. **Compromisso social da Educação Física com crianças que passam por tratamentos hospitalares: intervenções lúdicas**. Seminário "O Lazer em Debate", 2. *Coletânea... Belo Horizonte: UFMG/CELAR, 2001, p.172-178.*

BONALUME, Cláudia Regina. **Formação Profissional: Um desafio à prática**. In: Coletânea 12º ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer/Org. PINTO, Leila Mirtes Santos Magalhães; CASTRO, Norida Teotônio de. Balneário Camboriú: Roca, 2000. 828p. p. 152-159.

BRUHNS, Heloísa Turini. **As relações com a cultura no olhar profissional**. In: Coletânea 12º ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer/Org. PINTO, Leila Mirtes Santos Magalhães; CASTRO, Norida Teotônio de. Balneário Camboriú: Roca, 2000. 828p. p. 62-66

DEBORTOLI, José Alfredo O. **Linguagem: marca da presença humana no mundo**. In: CARVALHO, Alysso et al. (Org.). Desenvolvimento e aprendizagem. Belo Horizonte: Editora UFMG?PROEX-UFMG, 2002, p.73-76.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 7. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

DLUGOKENSKI, Camila Ferreira; SILVEIRA, Jocelaine Martins da. **O lúdico na hospitalização infantil: uma visão analítico-comportamental**. Disponível em: www.epac.psc.br/anais/2007/paineis/16.doc acesso em 10/06/10 às 22:40.

DOUTORES DA ALEGRIA: O FILME. Direção: Mara Mourão. Produção: Mauricio Dias, Tatiana Battaglia. Interpretes: Wellington Nogueira e integrantes do Grupo Doutores da Alegria. Roteiro: Mara MOURÃO. Música: Arrigo Barnabé, Miriam Biderman, Paulo Ricardo Nunes. São Paulo: Momo Filmes e Grifa Mixer. Co-Produção: Discovery Networks Latin Americans/Iberia e Teleimage, 2005. DVD (97 min.)

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GODOI, Adalto Felix de. **Cultura e Lazer em Hospitais. Revista de Estudos Turísticos**. Edição nº 13. Janeiro 2006. Disponível em:

www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=926. Acesso em 10 de junho de 2010.

GOMES, Christianne Luce (Org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Um olhar sobre a formação profissional no Lazer**. In: Licere: Belo Horizonte, v.8, n.1 2005. 188p. p. 11-19.

LOPES, Edson; SAYAD, Beatriz. **Boca Larga: Caderno dos Doutores da Alegria/nº 4** (outubro de 2008) – São Paulo: Doutores da Alegria, 2008 – anual.

MARTINEZ, Rodrigo Manzatto. **O lazer e as ciências humanas**. Rio de Janeiro : UFRJ, 2007. v. 2. p. 09-13.

MARCELLINO, Nelson C. **A ação profissional no Lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar**. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.) **Lazer: Formação e atuação profissional**. Campinas: Papirus: 1995. p.13-21

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MASETTI, Morgana. **Soluções de palhaços: transformações na realidade hospitalar**. São Paulo: Palas Athena, 1998.

_____. **Boas Misturas: a ética da alegria no contexto hospitalar**. São Paulo: Palas Athena, 2003.

_____. **Doutores da Ética da Alegria**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.9, n.17, p.453-458, 2005.

MELO, Victor Andrade De. ALVES JR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. Rio de Janeiro, 1ª Edição: Ed. Manole, 2003.

MOREIRA, Rosilene Batista. **Reflexões iniciais sobre o espaço hospitalar e a vivência lúdica**. Seminário “O Lazer em Debate 2”. Coletânea... Belo Horizonte: UFMG/CELAR, 2001, p. 188-194.

NATSU, Tatiana. **Livro de Atividades 2010**. São Paulo: Doutores da Alegria 2010.

PESSOA, Zernesto. **Máscaras**. A Gazeta Doutores da Alegria. São Paulo, agosto 2004 – ano IX, nº 38. Disponível em:

<http://www.doutoresdaalegria.org.br/download/gazeta38.pdf> Acesso em: 23 maio de 2011.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Lazer: Fundamentos, estratégias e atuação profissional**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2003. 112 p.

PINA, Luís Wilson. **Multiplicidade de profissionais e de funções**. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.) **Lazer: formação e atuação profissional**. Campinas, SP: Papirus, 1995. Coleção Fazer Lazer. 7º edição 2005. 182 páginas, p. 117-130

Pinto, Gabriela Baranowski. **O lazer em hospitais: Realidades e desafios**. /Gabriela Baranowski Pinto. – 2009. Dissertação de Mestrado 195 f.

PINTO, Leila Mirtes S. de M.; WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira; BRANDÃO, Maria Gláucia Costa; ZINGONI, Patrícia & ALVES, Vânia de Fátima Noronha. **Recreação, Lazer e Educação Física/Ciências do Esporte; intervenção e conhecimento**. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999, p. 101-128.

RAMOS, Tatiana. **Balanco 2008 Doutores da Alegria**. São Paulo: Doutores da Alegria, 2008.

_____. **Balanco 2009 Doutores da Alegria**. São Paulo: Doutores da Alegria, 2009.

SARCEY. **Clown, o termo**. Clownews – Boletim Informativo dos Doutores da Alegria. São Paulo: Abaeté, 1999.

Severino, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Katharine Ninive Pinto. **Formação de Trabalhadores em Lazer: Construindo uma educação continuada**. In: **Recreação, Esporte e Lazer – Espaço, tempo e atitude/organizadores: Jamerson Antônio de Almeida da Silva, Katharine Ninive Pinto Silva**. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007. 500pg. 281-291.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1975.

WUO, Ana Elvira. **Clown**. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 40-44.

_____. **Clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas**.
Dissertação (Mestrado em Psicologia). Campinas: UNICAMP, 1999.